



FIGUEIRA, E.; JUNQUEIRA, S. **Teologia e educação**: educar para a caridade e a solidariedade. São Paulo: Paulinas, 2012.

Dilson Daldoce Júnior

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), bolsista Capes-Propup, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: djunior_scj@yahoo.com.br

Que relações podem ser estabelecidas entre a educação, entendida — ainda que sob ópticas plurais — como uma relação de alteridade que manifesta um percurso de transmissão e construção de conhecimento e práticas de vida, e a teologia, parcela da reflexão humana que se refere às relações e ao relacionamento do ser humano com as dimensões mais profundas (metafísicas, ontológicas, axiológicas) do que se lhe apresenta como real? Partindo de conceitos tão multívocos, antigos e muito urgentes no debate atual, a obra proposta por Figueira e Junqueira reúne trabalhos de diversos autores, docentes em universidades brasileiras, para compartilhar reflexões sobre as interfaces e desafios presentes no contexto em que educação e teologia se encontram.

Para cumprir esse mister, a obra se desdobra em três partes: a primeira delas empreende um olhar histórico sobre a educação cristã, com ênfase em suas concepções e práticas; a segunda apresenta os fundamentos teológicos da ação educativa; e a última visa a discutir os aspectos e desafios práticos presentes na relação entre teologia e educação.

Na primeira parte, os autores percorrem paralela e complementarmente um caminho que problematiza as relações entre teologia e educação

em diferentes momentos da história. O texto de João Duque, “Teologia e educação nas dinâmicas sociais”, abre os trabalhos com uma discussão epistemológica sobre a educação, inserindo-a na perspectiva do discurso teológico e explorando o seu significado na construção da teologia e do seu “objeto”, conforme o autor enuncia. Por meio de sua análise, Duque apresenta a educação como uma atitude voltada para a paz, para a convivência pacífica das diferenças, e atribui essa caracterização ao relacionamento que ela estabeleceu com a teologia cristã. Diante das dinâmicas atuais individualizantes e massificantes, diz o autor, a educação para a diferença, fruto do seu relacionamento com a teologia, opõe-se aos paradigmas que se concentram na autoafirmação dos sujeitos ou na supressão de suas diferenças, afirmando, com a teologia, a primazia da diferença, mas também da convivência harmônica (paz).

Prosseguindo o diálogo, o texto de Faustino Teixeira, “Aspectos pedagógicos das religiões: a dimensão pedagógica da espiritualidade”, aprofunda a discussão teológica por meio do tema da espiritualidade e mostra que também ela é questão para a educação. Se a espiritualidade, segundo o autor, resgata uma concepção mais fecunda do ser humano, em particular de sua dimensão de profundidade, também ela é possuidora de uma dimensão pedagógica, no sentido de que encaminha a vida do sujeito para uma perspectiva nova sobre o seu tempo e sobre si mesmo. Pedagogia e espiritualidade teriam, assim, uma responsabilidade comum de favorecer o nascimento e a afirmação de novos sujeitos, que enxerguem e atuem distintamente sobre o seu próprio mundo circundante.

O texto seguinte, de Antonio Marchionni, “As artes liberais e a educação na Idade Média”, traz para o debate a questão dos estudos das artes medievais (gramática, retórica, oratória, geometria, música, aritmética e astronomia) como propulsores ou mesmo sistematizadores do pensamento cristão, expresso em forma de teologia. O autor, após caracterizar o universo intelectual-acadêmico do período em questão, evidencia como a busca pelo conhecimento se apoia, sobretudo, numa procura maior pela sapiência, pelo fundamento de todas as coisas, pela ressonância de eternidade subjacente a todas as formas de conhecimento. A sapiência, lócus no qual se alicerçam as artes, coincide com aquilo pelo que busca a teologia e em que também ela se apoia – vale recordar o que empreende Boaventura de Bagnoregio em seu opúsculo *De reductione artium ad theologiam*.

O texto de Magno Vilela, “Pensamento pedagógico de Santo Agostinho”, traz um exemplo bastante claro de como a teologia e a educação, desde antigas datas, são indissociáveis. Tão importante quanto a crença é o conhecimento e o reconhecimento daquilo em que se crê. Portanto, a fé e a inteligência, a crença e a compreensão participam de um mesmo processo cognitivo, da mesma capacidade do espírito humano (luz interior) que lhe permite contemplar a verdade.

O mesmo tipo de debate, desta vez situado hodiernamente, está exposto no texto de Mauro Passos e Luiz Carlos Itaborahy, “A sagrada missão de educar: rastreando as conclusões de Medellín!”, que traz à luz as trajetórias e propósitos da educação — e uma educação libertadora —, a partir do encontro dos bispos latino-americanos. Crer e compreender se desdobram em práticas. Assim, a educação como práxis, também política, tem uma missão comum com a teologia, que é a de tornar os indivíduos sujeitos sociais, emancipados, autônomos, capazes de se integrar na comunidade, de dialogar (ecumenismo, abertura) e de transformar a sociedade para a promoção da melhor forma de vida para todos.

Fechando o debate histórico-epistemológico da primeira parte, o texto de Alípio Casali, “Educação e teologia: a epistemologia e a ética implicadas”, aborda a questão dos desdobramentos éticos nos quais a teologia está implicada. Educação e teologia se encontram como integrantes de um processo de criação e realização de vida e, por isso, compartilham uma dimensão ética a partir da missão que cada uma tem.

A segunda parte da obra, organizada sob o título “Fundamentos teológicos”, traz o debate sobre a educação e a teologia à luz da reflexão bíblica e da tradição cristã. O texto de Carlos Mesters e Rafael Rodrigues da Silva, “A educação no antigo Israel e no tempo de Jesus”, abre a proposta evidenciando como o contexto social e cultural do antigo Israel contribuiu para a formação e a educação na vida de Jesus e de seus discípulos. Trata-se de um interessantíssimo percurso histórico-exegético que mostra como o ensino e a transmissão das tradições no mundo bíblico estão refletidos na dinâmica da prática pedagógica de Jesus. Jesus não era professor e não tinha alunos, mas, como mestre de discípulos, tinha uma legítima prática pedagógica e se valia de recursos didáticos bem definidos, como o testemunho de vida, a memorização na base da repetição, o ensino por meio das grandes questões do momento e

das perguntas que lhes faziam etc. Sua forma de educar o povo, de conduzir seus discípulos, partia da memória e dos anseios dos pobres para lhes ensinar um caminho novo e lhes dar esperança, a partir da revelação.

O texto que segue, “Provocações teológicas: o processo pedagógico da revelação e nossas práticas educativas”, de Edward Neves Monteiro de Barros Guimarães, dá continuidade à reflexão iniciada no texto anterior sobre as formas pedagógicas presentes no texto bíblico e permite pensar a atuação dos educadores dos nossos dias. O autor traça um itinerário bíblico e evidencia elementos relevantes para a aproximação entre os elementos da tradição judaico-cristã e os processos educativos predominantes na realidade brasileira, perguntando-se como as práticas atuais têm conseguido envolver os sujeitos num processo participativo e libertador, marca fundamental da pedagogia bíblica.

O texto seguinte, de Manuel Tavares, “Educação e destinação humana: a liberdade entre a finitude e a infinitude. Educação em e para a liberdade e a experiência da transcendência”, traz uma reflexão sobre a problemática da finitude e da infinitude humanas com base no pensamento de Paul Ricoeur, mostrando a abertura e a busca do ser humano por liberdade, por meio do seu desejo de ser mais e de dar sentido à sua existência. Trata-se de uma reflexão antropológica, ontológica e ética que situa a educação como parte integrante do processo humano rumo à liberdade. A educação em liberdade promove o espírito crítico e problematizante, capaz de fazer a ponte entre teoria e prática, de responder à diversidade cultural e, assim, também promover liberdade.

O título do artigo seguinte, “A educação como missão da Igreja no magistério eclesial”, de Donizete Xavier, traz o tema da educação para o cerne da tradição católica, elucidando o lugar que ele ocupa no magistério e ressaltando que uma verdadeira e autêntica educação deverá perseguir permanentemente uma formação integral da pessoa humana, em vista do seu fim último e do bem comum da sociedade. O múnus de ensinar é missão da Igreja e a educação para o amor tem um lugar de primazia na difusão da teologia, enquanto esta é comunicação amorosa entre Deus e os seres humanos, em caráter dialógico-personalista.

O último texto dessa parte, intitulado “Educação e pluralidade religiosa”, de Afonso Maria Ligorio Soares, expande os horizontes em direção ao pluralismo religioso, trazendo as suas contribuições para a prática educacional

e as influências de uma teologia pluralista para o ensino. O diálogo interconfessional entre educadores e teólogos tende a contribuir para o desenvolvimento das próprias práticas educacionais e é um desafio para os campos da teologia e da educação.

Finalmente, a terceira parte da obra explora mais de perto os aspectos práticos do diálogo entre teologia e educação. O primeiro capítulo, de Ubiratan D'Ambrosio, "Desafios para a educação cristã", discute o cenário atual de contrastes entre religião e ciência e como os sistemas educacionais se movem entre essas abordagens da realidade. O contexto atual exige uma educação que seja capaz de reconhecer perspectivas multiculturais e as apresente para o cidadão que está sendo educado na busca de sobrevivência e transcendência.

O texto seguinte, "A teologia e a dimensão ética da prática educativa", de Mário Antônio Sanches, traz defronte à teologia uma preocupação indissociável da atividade educativa: a ética. Ao pressupor que a vida faz sentido, a teologia se torna fonte de posturas éticas que, pode-se dizer, se guiam pela transcendência: o ser humano transcende a si mesmo, orienta-se para uma ação cujo escopo é um bem que está além de si próprio. A prática educativa precisa aí cumprir o seu papel de orientar o ser humano para a ação responsável que dê condições ao indivíduo de reconhecer o sentido de sua vida, sem, contudo, absolutizá-lo.

Os dois últimos artigos abordam especificamente aspectos práticos ligados ao ensino religioso. O primeiro, "Ensinar ou formar? Uma relação entre o conhecimento e o convencimento. Questões epistemológicas para o ensino religioso", de Eulálio Figueira, discute as bases epistemológicas que podem ser observadas na afirmação do ensino religioso como prática pedagógica e, por que não dizer, não proselitista. O que deve sustentar o ensino religioso como área de conhecimento é seu caráter de formar e orientar para a cidadania, visando à formação integral de um indivíduo que convive em sociedade plural. As crenças certamente devem ser consideradas, porque são próprias do ser humano e falam do sentido que cada um dá à sua existência, mas sua abordagem deve ser feita não para convencer o indivíduo de sua validade universal, mas de modo a orientá-lo para a harmonia e a própria decisão.

A terceira parte chega ao fim com "Ensino religioso: aspectos práticos", de Sérgio Junqueira, texto que fundamenta a identidade pedagógica do ensino religioso na perspectiva da pluralidade cultural. A religião é fator de

integração social e o comportamento religioso dos indivíduos interfere nas relações dentro dos grupos. Logo, esse ensino desponta como uma das faces da educação para a inclusão, para o respeito das diferenças. O educador nessa área deve estar constantemente atualizado, não somente no que se refere aos conteúdos, mas também sobre os sujeitos com quem trabalha, suas demandas, vivências e crenças.

No final da obra, encontram-se ainda as considerações finais dos organizadores, num texto intitulado “Ensinar, aprender e fazer; a teologia e a educação para uma humanidade pós-metafísica”, que considera a relevância de pensar a teologia e a educação de maneira associada. As diferentes propostas religiosas e também pedagógicas no mundo globalizado encontram-se cada vez mais em aspecto de interação e, também, conflito. As relações sociais fazem com que modelos não apenas se justaponham, mas se mesclm e se articulem de maneira a produzir uma nova variável entre o conjunto de pluralidades. O trabalho de educar deve ser, também, objeto de estudo da teologia, enquanto esta é capaz de “orquestrar”, compor uma harmonia entre os diferentes tipos de conhecimento. A finalidade da teologia e da educação parece se encontrar, no que diz respeito a promover a paz entre os seres humanos e a começar pelo interior de cada indivíduo.

Indubitavelmente, são muitos os temas que podem ser discutidos na interface proposta entre teologia e educação. Ainda que possam ser vistos por ópticas diferentes, entre teólogos e educadores, a obra de Figueira e Junqueira, tecida por contribuições de diversos teólogos educadores, mantém a autonomia entre teologia e educação, sem sobrepor uma à outra e, muito menos, sem deixar de considerar a complexidade presente em cada discussão. A complexidade, no texto, aparece de forma clara, bem explicada e discutida, acessível a pensadores de diversas áreas, inclusive àqueles menos familiarizados com uma ou outra. O texto da obra cumpre o seu propósito de fornecer elementos para que as práticas comuns entre teologia e educação se desenvolvam de maneira a contribuir para a promoção dos sujeitos e o desenvolvimento de convivências que respeitem a pluralidade e construam harmonia.